

As Fronteiras Últimas Entre Música e Poesia

LUÍS SOLER

Quando a voz do barítono solista abre a parte vocal da Nona Sinfonia de Beethoven, suas primeiras palavras dirigem-se, não ao público, mas aos músicos da Orquestra que o rodeia. E canta: “Oh, amigos, deixai êsses sons...”

Beethoven, o grande mestre do sinfonismo instrumental, no derradeiro movimento de sua última e monumental Sinfonia, no fim, também, de sua vida de criador genial, sente que precisa, além do som dos instrumentos, da palavra poética. E — fato inédito até então — introduz coros e solistas cantores numa Sinfonia.

.....

No extremo oposto dêste critério, no entanto, Hoffmann, Schlegel, Herder e outros grandes artistas e pensadores têm afirmado: “a Música começa onde a palavra acaba”.

.....

Eis duas atitudes aparentemente antagônicas; dois enfoques contrários de um limite intuído. No caso primeiro, Beethoven vê o limite na música instrumental e recorre à palavra. No segundo, o limite é atribuído à própria palavra, supostamente incapaz de atingir o plano ideal da pura Música. — Não é um músico, mas um grande literato, Balzac, quem afirmou “A palavra tem limites, a linguagem musical é ilimitada”.

Dos dois critérios, então, qual o acertado?...

.....

Em certo modo, poder-se-ia dizer que os dois. Palavra e

música formam um só tão apertado, como meios de expressão da espiritualidade humana, que a aparente contradição dêesses dois enfoques pode ser perfeitamente interpretada como sendo apenas um problema de perspectiva. Insistiremos nisto mais adiante. Por enquanto, nossa intenção é ressaltar, não a contradição que essas duas posições envolvem, e sim a afinidade que denunciam. Ou seja, a afirmação, implícita em ambas, de que *existe uma continuidade* entre a palavra e a Música; de que essas duas categorias artísticas, apesar de bem diferenciadas, situam-se, de alguma maneira, ao longo de uma mesma linha. Suposição na qual coincidem Beethoven e os outros e que nos defronta imediatamente com uma pergunta: onde, o nó, a emenda entre essas duas formas de expressão?

.....

Pergunta importante, à qual nós responderíamos assim: na área mais antiga e espontânea entre o som e as palavras, na voz humana, no ato dos vocábulos vibrar em nossa laringe e misturar seu conteúdo intelectual com a expressão nascente que lhes empresta nossa pronúncia. Na *palavra falada*, enfim, na qual o conceito estrito nela encerrado e a multiplicidade de sentidos e nuances que êsse conceito pode adotar, depende da *música* dos sons com que a palavra seja pronunciada.

.....

Vejamos um caso concreto. Eu posso formular um juízo dizendo, por exemplo, “muito bem”. Mas dependendo da expressão que dê a essas duas palavras — entusiasmo, indiferença, ironia, tristeza, etc. — poderei querer significar qualquer nuance compreendida entre o “muito bem” e o “muito mal”. E meus ouvintes não se deixarão enganar pelo sentido objetivo dos vocábulos. Ao contrário: graças à expressividade da dicção deduzirão logo minha íntima e verdadeira opinião.

Aliás, todo o mundo sabe — especialmente os enamorados — com quanto “sim” pode ser pronunciado um não e quanto “não” pode-se esconder na pronúncia de um sim.

Problema musical, portanto. Porque o elemento que em cada caso consegue modificar o sentido das palavras até virá-las pelo avêso, se convém, não é outra coisa que um elemento musical: as entoações com que modulamos nossa fala viva. Elemento nada artificioso. Ao contrário, tão natural e biológico que é encontrado até nas fases mais elementares e primitivas da existência dos seres humanos e de suas coletividades.

.....

Lembremos, por exemplo, o cantarejo das crianças em seus primeiros meses de vida. Sem palavras, quantos sentimentos e vontades não se manifestam nêle! Satisfação, alegria, repulsão, dor, fome, carinho, curiosidade, mimo, etc. Tudo em rudimentares melodias diretamente emanadas da capacidade de expressão musical de nossa espécie. Capacidade que, como demonstram nossos órgãos de fonação e audição, é inata. Agente expressivo em muitos aspectos superior aos próprios idiomas, devido a se encontrar — seja-nos permitido o paradoxo — por cima e por baixo do plano das linguagens lógicas.

.....

Por cima, porque essa rudimentar manifestação musicalóide representa para a humanidade uma ampla linguagem genérica de enorme fôrça sugestiva. Pensemos nos gritos do terror, nos gemidos do sofrimento ou do desespero, nas explosões sonoras da surpresa, da alegria, da cólera; nos arrulhos apaixonados...

Por baixo, porque fornece o veículo físico-acústico com o qual os conceitos idiomáticos entram em comunhão com nossa voz e ganham sua última nuance significativa: as palavras são sempre idênticas a si mesmas, enquanto que as vozes que as articulam podem ser infinitamente variadas. — Aliás, é bom lembrar que não foi para pronunciar especificamente palavras que a Natureza nos deu a garganta, assim como não nos deu os olhos *com o fim* particular de ler escritos. As línguas faladas, em verdade, apenas representam processos de comunicação, convencionais e temporários, que aproveitam nosso poten-

cial para emitir e captar sons. Quem sabe, por exemplo, se uma humanidade futura não substituirá nossos diversos sistemas idiomáticos por um sistema único de comunicação telepática!

.....

Assim pois, no intento de descobrir e explicar o nó que entrelaça a Música e a Poesia, poderá ser para nós de grande proveito virar nossa imaginação para o passado e conjecturar o que podem ter sido os primeiros contatos entre os sons produzidos pela garganta humana — nosso instrumento musical mais genuíno — e essas entidades significativas que chamamos de palavras — matéria prima da Poesia.

.....

O mais lógico, chegados a êste ponto, é supor que o homem começou aprendendo a modular os registos de sua voz, a vocalizar e consonantizar sons, antes de conseguir, com todos êses elementos já evoluídos, articular determinadas combinações sonoras em forma de palavras portadoras de significado. Em suma, é lícito supor que o homem cantou, em primeiro lugar.

Quem diz cantou diz entoou gritos de diversos significados: uivou, grunhiu, arrulhou, gemeu, murmurou. Usou e treinou sua faculdade de fazer ouvir à distância as vibrações de seu laringe — essa nossa faculdade natural para o canto — até atingir o grau de inteligência que já lhe permitia delimitar e formular idéias. Então começou a moldar, em seu aparelho transmissor vocal, cápsulas sonoras que encerravam conceitos específicos: inventou palavras. *Palavras-idéia* cuja exteriorização — é importante reparar — acontecia pelo caminho aberto por um elemento musical: o som da voz, um som modulado pelo nosso sentido natural do canto.

.....

Sentido natural do canto que foi ficando sempre, no processo formativo das linguagens, ligado à palavra. Feforçando-a matizando-a, enriquecendo-a de significações, até o proces-

so resultar na união definitiva de duas linguagens: a linguagem da *palavra-idéia* com a linguagem da *palavra-som*. Linguagem, essa última, tão expressiva e virtualmente independente quanto a linguagem dos gestos, por exemplo. Linguagem que não define conceitos com o rigor com que a palavra o faz, mas que possui, em troca, um telúrico poder de sugestão superior até, como antes afirmávamos, ao da própria palavra. Recorde-mo-nos de Ulisses: o herói de Homero pôde resistir os fabulosos oferecimentos de Circe, feitos em palavras; não saberia, porém, resistir ao canto das sereias.

.....

Eis, então, um primitivo binômio *Palavra-Entoação falada* que pode explicar, aravés da natural evolução do espírito humano, o posterior e relevante binômio *Poesia-Música*.

Aliás, muito mais que um binômio: uma simbiose artística tão eficiente que permitiu à Música ir encontrando suas próprias leis de equilíbrio a partir de estruturas poéticas assimiladas durante longos séculos de andar de mãos dadas com a Poesia. Que permitiu à Poesia, por sua vez, tomar emprestados muitos de seus elementos à Música.

.....

Simbiose que justifica a tendência dos declamadores a se acercarem da arte dos cantores e modular sua voz, quando recitam, com entoações que em pouco diferem dos recitativos quase falados dos cantantes de ópera.

Que justifica também os madrigalistas do Séc. XVI, os compositores dos dramas líricos, os “liederistas” românticos, em suas pretensões de querer identificar a expressão musical com a expressividade particular de cada texto.

Gluck dizia: “a união entre o canto e as palavras deve ser tão estreita, que tanto deve parecer o poema ter sido feito para a música como a música para o poema”.

.....

Contato de dois planos de expressão humana. Contato leve e substancial, ao mesmo tempo. Algo parecido ao contato da nuvem com o mar: duas aparências e uma mesma natureza.

Continuidade, portanto. Manifestada naquele ponto quase místico em que o mar perde seu pêso e se volatiliza feito nuvem, ou naquele outro ponto, dramático, em que a nuvem se condensa e volta ao mar em forma de chuva — o ponto crítico de Beethoven na Nona Sinfonia —. Fronteiras últimas de duas morfologias. Não de dois elementos.

Contato que deixa pegadas bem profundas na matéria de ambas formas artísticas. Algumas delas bem difíceis de interpretar.

Vejam, por exemplo, similitudes entre estruturas habituais de frase musical e as da frase poética: na frase musical, a mais comum é a estrutura quaternária; aquela que apresenta a frase inteira composta por dois períodos simétricos que são, por sua vez, composição de dois semi-períodos. E, perguntamos: não é essa também a estrutura mais comum da poesia tradicional — a estrofe de quatro versos —?

Todavia, achamos temerário afirmar, como habitualmente se faz, que a Música, em seu convívio de séculos com a canção, tenha copiado essa simetria da Poesia. Pelo contrário, nós opinaríamos que ela é uma simetria de cunho musical que a Poesia agasalhou em seu seio, muitas centúrias antes de que a própria Música a utilizasse como fator estrutural independente.

Porque a nosso modo de ver, a Poesia não é, substancialmente, outra coisa que um climax da palavra. É a palavra atingindo sua área de confluência com a Música, considerando esta Arte até suas raízes escuras, biológicas, mergulhadas no subsolo do espírito. É o mar aspirando à condição da nuvem. É a palavra elevando sua temperatura ao ponto da evaporação musical.

O que explica porque, na Poesia, podem-se encontrar já misturados netos elementos da Música.

Detenhamo-nos um pouco neste fascinante problema. E observemos: em realidade, entre prosa e poesia, quais são as diferenças mais notáveis? — estou me referindo exclusivamente à Poesia tradicional, pois faltam ainda perspectivas históricas para avaliar determinadas tendências inconoclastas da poesia moderna —.

De pontos de vista formais, a Poesia se distingue por um superior cuidado na simetria dos acentos internos e na métrica de cada verso. assim como pela proporção de uns versos com outros. Portanto, puros problemas de ritmo e simetria temporal; problemas mais musicais que literários, uma vez que os mesmos não modificam substancialmente o conteúdo ideológico das frases, se limitando apenas a vesti-las com uma roupagem musical.

Outra distinção formal: o verso cuida, muito mais que a prosa, da eufonia dos sons vogais e consoantes. Um cuidado que, nas suas últimas conseqüências, leva o verso até o requinte da rima poética. Também aqui, note-se, questões musicais, questões de sonoridade.

Mas, além dos aspectos formais, entremos também na íntima natureza do verso, na sua carga intelectual, na sua capacidade expressiva, para estabelecer comparações com a prosa. Imediatamente evidencia-se que, por parte do verso, há sempre tendência de elevar e amplificar o sentido corriqueiro da palavra; de converter a palavra em veículo do inefável. Tendência a destilar da realidade essências intemporais. A externar secretas vibrações mediante símbolos. Tendência a rebus-

car, por baixo da palavra, aquêlo mundo de circunstâncias envolvente que sedimentaram-se nela através dos tempos, desde sua estréia na garganta de nosso Adão ancestral. Tendência a devolver à linguagem aquêlo sentido mágico que sem dúvida teve nos seus primórdios — não há que esquecer que o processo de formação das linguagens humanas deve ter sido, ao mesmo tempo, o processo de iluminação da inteligência do homem: o homem só foi capaz de dar um nome a cada coisa a medida que foi intuindo que as coisas constituíam entidades significativas —.

.....

Pois bem, tudo isto que o verso pretende conseguir, essa expressão total tão almejada, o que é realmente? Nada mais do que uma incontenível vontade da palavra que quer, através da Poesia, se *abstrair* do plano real para se transpor a um plano espiritual diferente. Um impulso, conseqüentemente, de aproximação à condição da Música, *abstrata por natureza*. O verso, certamente, poderíamos defini-lo como “um êxtase da palavra que quer começar a ser música”.

.....

Infelizmente, porém, essa vontade é irrealizável. A Poesia tem fronteiras naturais. Aquelas que lhe vêm impostas, precisamente, pela presença indefugível da palavra concreta. Pois, em verdade, nem a Poesia pode deixar de utilizar a palavra, nem esta pode deixar de expressar conceitos definidos e, por definidos, limitados. Conseqüentemente, a tendência da Poesia abandonar o plano concreto para se sublimar na pura abstração tem que ficar sempre como uma tendência, apenas. Não tem consumação possível.

.....

E é neste ponto que aparece a função mais maravilhosa da Música: a de continuar a linguagem expressiva do espírito humano onde a Poesia esgotou os meios.

Com seus multiformes elementos sugestivos radicados no fundo da alma e despojada por natureza de significações limitadas, a Música projeta sua linguagem aos âmbitos indeterminados onde casos particulares e sentimentos individuais adotam dimensões universais. Nela não mais se fala, como na Poesia, de um amor, de um ato heróico, de um sofrimento, de uma alegria. Fala-se, direta e indeterminadamente, desde a própria capacidade de amar, desde o impulso heróico, na raiz mesma dos sofrimentos, no coração da alegria.

.....

É o triunfo da intuição sobre o raciocínio, do pressentimento sobre o conhecimento. É aquela fértil impressão, aquela quase irrealidade que permite que cada um de nós encontre, numa mesma e determinada música, os mais variados reflexos de suas particulares vivências íntimas. É o sentido transcendental da Arte musical: sua condição de linguagem logarítmica do espírito emanada diretamente de nosso inefável caleidoscópio interior.